

# Algumas considerações sobre o complexo de Édipo em Freud e Lacan

Glacy Gonzalez Gorski

O complexo de castração e a teoria do monismo fálico constituem o eixo central das teorizações de Freud sobre o complexo de Édipo. Ele postula, logo no início da sua obra, a universalidade do pênis. Num texto de 1908, intitulado Teorias Sexuais Infantis, que se baseia na experiência clínica, a saber o caso do Pequeno Hans, Freud constata que a criança ao observar a mãe nua, ao invés de ver ali os órgãos sexuais da mulher, interpreta a vagina como falta. A mãe é vista como castrada (1).

Portanto, os sexos diferenciam-se segundo a percepção da presença ou da ausência do pênis. Assim, o sexo feminino é interpretado com sendo castrado. Vejamos uma passagem do texto: “... em vez de constatar a falta do membro, ele diz constantemente à guisa de consolo e conciliação: é que o pênis ainda é pequeno, mas quando ela for maior ele crescerá”. (2) A menina partilha desse sentimento e passa a sentir-se em desvantagem e invejosa. De maneira que ambos os sexos compartilham da concepção da universalidade do pênis.

Freud ainda utiliza o termo pênis, embora nesta época o conceito já seja utilizado no sentido simbólico. No entanto, é só em 1923, no texto “A Organização Genital Infantil”, que o termo falo será utilizado. Ele já não fala mais na universalidade do pênis, mas do primado do falo. (3)

Dessa maneira, podemos concluir a partir do que já vimos, que existe uma clivagem entre o anatômico e o psíquico. A distinção que se vê ao nível da percepção não se inscreve a nível psíquico. O complexo de

castração é tomado como consequência da distinção anatômica. Se o falo tem uma relação estreita com o órgão masculino é no sentido de que este poder vir a faltar, ou aparece, enquanto faltoso.

Freud explicita que é o pênis, enquanto pênis cortado que se afirma existir na menina. Vejamos o que ele nos fala no mesmo texto: “Sabe-se como eles reagem às primeiras impressões provocadas pela falta do pênis. Negam essa falta e acreditam ver, apesar de tudo, um membro; lançam um véu (...)” A falta do pênis é concebida como o resultado de uma castração e a criança se encontra agora no dever de se confrontar com a castração. (4)

### **O Falo na teoria de Freud E Lacan**

Gostaríamos de nos deter um pouco na reflexão sobre o conceito do falo, uma vez que é a partir de um retorno ao texto freudiano que Lacan vai desenvolver sua concepção do complexo de Édipo.

Tomando como base as reflexões de Freud, Lacan vai esclarecer que a descoberta da fase fálica equivale a reconhecer a supremacia da ordem simbólica. Para ele a descoberta do Complexo de Édipo só ganha sentido se pensarmos que Freud, desde o início, reconhece a implicação de um terceiro termo necessário para explicar a complexidade da estruturação da subjetividade.

Ele conclui, então, que na relação mãe-filho, o complexo de Édipo faz intervir um terceiro termo, que ele denomina de função paterna. Esta está intimamente relacionada à lei. Logo, perceber a mãe como castrada, significa reconhecer a castração do outro. Significa reconhecer que ela é um ser limitado, ou seja, um ser submetido à lei.

Ademais, podemos afirmar que a fase fálica é crucial na evolução libidinal. Embora ambos os sexos passem para a fase fálica, seus caminhos serão diversos. O menino, por conta da ameaça da castração, e,

por medo de perder seu pênis, o que implicaria numa perda da integridade narcísica, terá que renunciar à mãe. No que diz respeito à menina, o reconhecimento de que à mãe falta o pênis, isto é, de que ela é privada do falo, faz com que a menina entre no Édipo, e, assim volte-se para o pai.

Ambos, portanto, menina e menino, ao reconhecer a falta na mãe passam a ter a falta inscrita no seu próprio ser. Reconhecer a castração significa situar-se em relação à própria ordem simbólica, da qual o falo é a pedra fundamental. Pois o falo é o significante de uma falta.

A castração caracteriza o falo como significante. Ela está relacionada ao fato de que a plenitude falta, e de que o sujeito tem que se confrontar com essa falta a ser. O objeto que o preencheria totalmente é inexistente. A condição do humano é da ordem da impotência, pois diante da morte não há soberania. A morte, a doença, perdas, etc... configuram-se como castração. Do ponto de vista da Psicanálise, no entanto para que se possa desejar é necessário que haja falta. Assim, podemos afirmar que só há desejo se houver castração.

De maneira que a referência ao falo, exclui que se conceba a castração via pênis. A castração é uma referência ao limite. A lei está, pois, relacionada ao pai. Trata-se, portanto, de uma referência. A função paterna, enquanto função que mediatiza a relação da criança com a mãe e da mãe com a criança.

## **O Édipo em Lacan**

Lacan retorna ao texto freudiano no sentido de aprofundar os conceitos fundamentais. O Édipo, segundo ele, deveria ser pensado em torno da função paterna. Em Lacan, este conceito articula tanto o conceito de falo quanto o complexo de castração.

Lacan redefine o Édipo, diferenciando três momentos.

No início, os estudos de Lacan concentram-se na psicose, fato que lhe permitiu lançar luz sobre a fase inicial do desenvolvimento do ser humano.

No ano de 1936, Lacan postula a existência de um estágio do espelho que teria lugar no período que vai dos 6 meses aos 18 meses. (5)

No estágio do espelho, a criança antecipa a aquisição da unidade funcional de seu corpo. Segundo ele, a identificação primordial com a imagem refletida serve de base à estruturação do Eu.

No início da vida, a criança experimenta seu corpo como algo esfacelado. A sensação de ser um corpo esfacelado, disperso, é descrita por pacientes esquizofrênicos.

No estágio do espelho, progressivamente, a criança vai adquirindo uma imagem unificada de seu corpo. Esse estágio se organiza em três tempos:

No primeiro tempo a criança ao olhar no espelho reconhece a imagem de um corpo, mas o considera como se fosse de outrem, de um ser real que ele deseja tocar. Evidencia-se, aqui, uma confusão entre si e o outro. Nesse momento, a criança, ao bater em outra criança, afirma ter sido batida pelo outro ou ao ver outra criança cair chora como se tivesse acontecido com ela.

Já no segundo momento do estágio do espelho a criança descobre que o outro do espelho não é real, mas uma imagem. Ou seja, agora ele já distingue a imagem da realidade do outro.

No terceiro momento temos, então, uma dialetização dos momentos antecedentes. A criança agora sabe que o reflexo, emitido pelo espelho, não passa de uma imagem, e, mais ainda, ela agora sabe que se trata de sua própria imagem.

O reconhecimento da própria imagem possibilita o surgimento do sentimento de possuir um corpo unificado, com consistência. Isto servirá de base para a constituição da imagem corporal, a qual só terá lugar posteriormente.

A criança nasce indeterminada, inacabada. Ela não anda, não fala, aliás, vale a pena lembrar que a palavra infante significa aquele que não fala. Dá-se o nome de prematuração específica a esta condição, a qual, tanto é de origem do biológico quanto do psicológico. A criança, no momento que reconhece sua imagem no espelho, ri. Este riso é importante, pois significa a alegria da criança em se reconhecer e se assumir pela primeira vez. Lacan denomina este riso de assunção jubilatória.

3

No entanto, temos aqui dois aspectos distintos e também paradoxais. Se por um lado, no estágio do espelho temos a pré-formação do Eu, este Eu se constitui numa condição de alienação.

Conclui-se, então, que é na imagem refletida pelo outro que o sujeito se constitui. É na condição de assujeitado que encontramos a origem do sujeito.

## **Os três momentos do Édipo em Lacan**

### *1- O primeiro momento do Édipo*

Se, num primeiro tempo, a criança encontrava-se numa relação de indistinção com a figura materna, ao sair da fase do espelho a criança encontra-se, ainda, numa relação imediata com a mãe ou com quem exerça a função materna. A criança se faz de objeto do que supõe faltar à mãe. A criança ocupa, então, o lugar do falo. Segundo Lacan “O que a criança busca é poder satisfazer o desejo da mãe, quer dizer: “to be or not

to be” o objeto de desejo da mãe. (...) Para agradar a mãe (...) é preciso e basta ser o falo”. (6) A criança está, nesse momento, alienada no desejo da mãe, presa na dialética de ser e não ser o falo.

## *2 – O segundo momento do Édipo*

No segundo tempo do Édipo, a criança, através da inclusão efetiva da figura paterna no cenário, é inserida no registro da castração. A mediação paterna intervém sob a forma de privação. Lacan nos diz que: “A experiência nos prova que o pai considerado como aquele que priva a mãe desse objeto, essencialmente do objeto fálico de seu desejo, desempenha um papel absolutamente essencial em (...) todo o transcurso, seja ele o mais fácil, o mais normal, do complexo de Édipo”.(7)

O pai aqui aparece como sendo o falo, ou seja, como rival e como ameaça de tirar o lugar do infante junto à mãe. A posição da criança começa a oscilar, pois há um deslocamento do objeto fálico. De maneira que se abre o caminho para encontra a lei do pai. Ela começa a perceber que a própria mãe está submetida a essa lei. O desejo da mãe encontra-se submetido à lei do desejo do outro. Isto quer dizer que o seu desejo é dependente de um outro ao qual supõe-se ter o objeto de seu desejo.

Em relação a esta questão Lacan esclarece que “Na ligação estreita deste remeter da mãe a uma lei que não é sua, como o fato de que o objeto de seu desejo é possuído “soberanamente” por esse mesmo “outro” à lei do qual ele a remete, temos a chave da relação do Édipo e do que constitui o caráter tão essencial, tão decisivo desta relação da mãe, tal como lhes peço para isolar como relação não ao pai, mas a palavra do pai”.

Ao se defrontar com a lei do pai, a criança efetivamente confronta-se com a castração. O segundo momento do Édipo é o passo necessário para que ela possa ter acesso à simbolização da lei e ao terceiro momento do Édipo.

### *3 – O terceiro momento do Édipo*

Neste momento, há um “declínio do Complexo de Édipo” trazendo consigo o fim da rivalidade fálica com o pai em torno da mãe. A principal característica dessa fase reside na simbolização da lei. Tanto a mãe como a criança inscrevem-se na dialética de ter. A mãe não tendo o falo pode desejar naquele que supostamente o detém, isto é, no lado do pai.

Abre-se, assim, o leque das identificações. Do lado do menino há uma renúncia a ser o falo e um engajamento no sentido de vir a possuí-lo. Logo, para conseguí-lo trilha o caminho da identificação ao pai. A menina, por sua vez, renuncia a ser o objeto do desejo da mãe, posicionando-se na dialética do ter. Ela situa-se do lado da falta, do lado dos que não têm o falo. Assim, ela se identifica à mãe, e, como ela sabe aonde buscá-lo, ou seja, no lado da figura paterna.

#### **Referências bibliográficas**

1. Freud, S., “ As Teorias Sexuais Infantis”, ESB, vol. IX
2. -----, Idem
3. -----, A Organização Genital Infantil, ESB, vol. XIX
4. -----, Idem
5. Lacan, J., Le stade du miroir comme formateur de la fonction du “je”, Écrits
6. -----, As formações do Inconsciente
7. -----, Idem